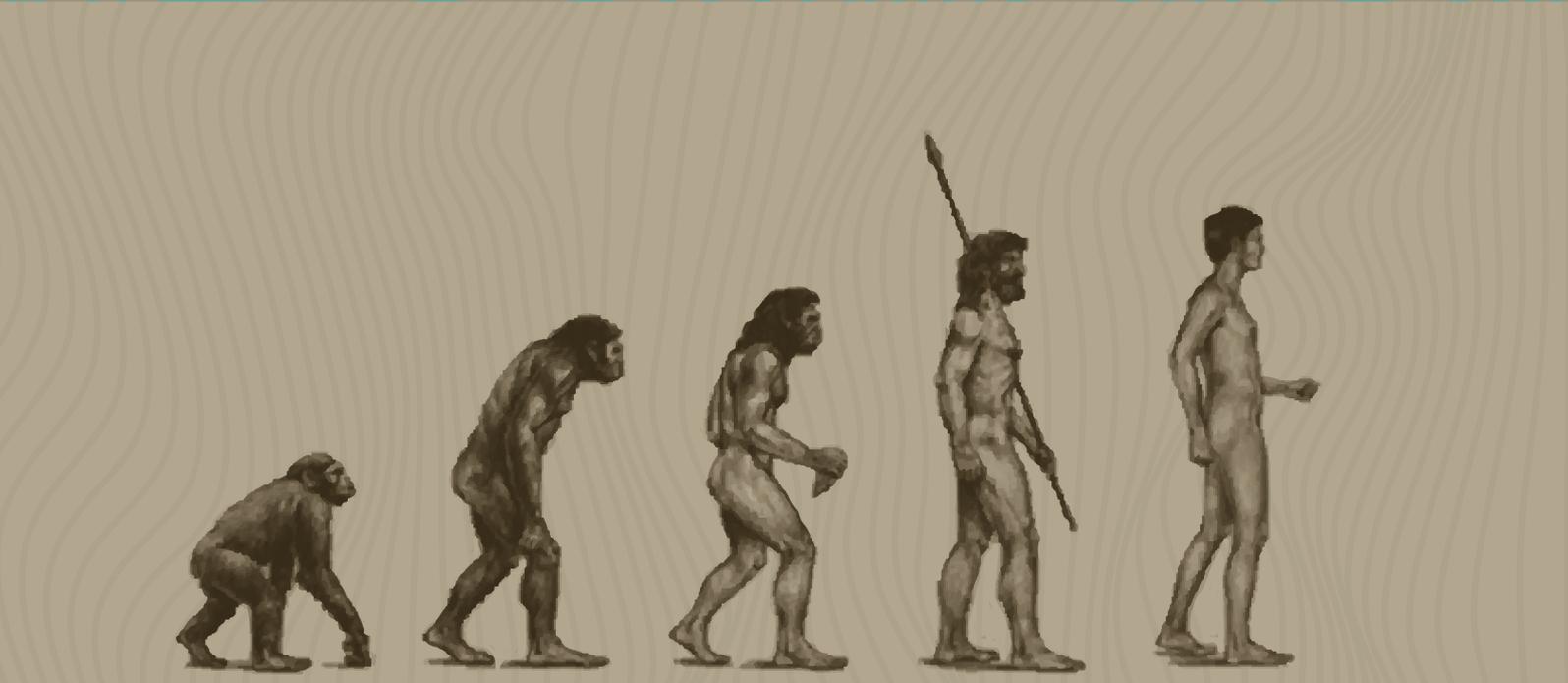


DO TEJO À MONTANHA DA MONTANHA ÀS LEZÍRIAS

a descoberta
de uma paisagem
milenar





DO TEJO À MONTANHA DA MONTANHA ÀS LEZÍRIAS

a descoberta
de uma paisagem
milénar

Alberto Mesquita, Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

Consciente que a produção de conhecimento sobre o passado é o caminho a seguir para a construção de uma mais forte entidade local, o Município apostou, em 2015, na criação do Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira – CEAX. Um dos seus objetivos programáticos fixados foi a elaboração da Carta Arqueológica, obra publicada em Dezembro de 2016 e que encerra em si a dupla função de, por um lado, apresentar um inventário sistemático de sítios e evidências materiais das antigas ocupações humanas e, por outro, de sintetizar a forma como o homem foi progressivamente lidando com o meio.

Sendo elementar afirmar-se que apenas se pode preservar o que se conhece, o Município de Vila Franca de Xira marcou, deste modo, uma posição clara face à investigação contínua dos vestígios que chegaram até nós, com o objetivo de delinear estratégias futuras de estudo para os mais relevantes.

É também disto que nos “fala” esta exposição, sendo nosso desejo que ela possa contribuir para que os vilafranquenses olhem para a paisagem que os rodeia de modo mais atento e, sobretudo, conscientes de que, a paisagem que hoje lhes é permitido observar, resulta de um longo processo de transformação efetuado pelas comunidades humanas que (n)os antecederam. De território de caça de populações nómadas do longínquo paleolítico, a campo de cereais das primeiras comunidades de agricultores, a apropriação do território pelo homem leva a progressivas e duradouras alterações na paisagem, alterações essas que conduziram, inexoravelmente, a uma ligação dessas comunidades ao território, criando um sentimento de pertença.

Com esta nova exposição, o Museu Municipal pretende apresentar uma visão transversal e diacrónica da ocupação humana no nosso território, desde a pré-história até ao grande terramoto de 1755. **[FIG. 1]**



FIG. 1
Reconstituindo um
Homo Sapiens Sapiens
do Paleolítico superior
deambulando pelas
margens do rio Tejo.
Ilustração César
Figueiredo

AS ORIGENS DO POVOAMENTO PALEOLÍTICO

Na Europa, os primeiros povoadores datam de acerca de 1,5 milhões de anos tendo o seu maior desenvolvimento ocorrido no período geológico do *Pleistocénico* durante a Idade do Gelo.

Através do fabrico de objetos e do domínio do fogo, o homem destaca-se das outras espécies e aprende a lutar com a fome e o frio, fabricando instrumentos em pedra e osso que vai aperfeiçoando, o que permite uma mais fácil recolha dos alimentos, o uso de vestuário e a construção de “habitações”, que já conseguem iluminar e aquecer.

No território vilafranquense, conhecem-se onze jazidas arqueológicas deste período, estas consistem em recolhas de artefactos isolados, não tendo sido possível até ao momento efetuar quaisquer trabalhos de escavação.

Contudo, a recolha de diversos artefactos em pedra lascada, permite atestar que as primeiras comunidades humanas de caçadores recolectores atravessavam com regularidade as margens do Tejo, vivendo uma via nómada seguindo o ritmo das manadas que perseguiam em busca de subsistência. [FIG. 2]

AS PRIMEIRAS COMUNIDADES PRODUTORAS DE ALIMENTOS

Começaram a desenvolver-se há cerca de 7000 anos, após as alterações climáticas e paisagísticas ocorridas na passagem do Plistocénico para o Holocénico. Neste período, o clima tornou-se progressivamente mais temperado e menos seco, e o nível do mar estabilizou perto da cota atual.

O período Neolítico corresponde à designação atribuída para estas comunidades humanas, que apresentam uma rutura com o modo de vida dos caçadores e desenvolve-se até cerca do IV milénio a.C.

Esta nova fase, regista importantes transformações quer do ponto de vista social e cultural, quer do ponto de vista tecnológico. Entre estas destaca-se a domesticação de animais; a introdução de práticas agrícolas; e o aparecimento de novas tecnologias, tais como, a produção de cerâmica e de utensílios em pedra polida.

A mais importante ocupação desta fase corresponde à detetada em escavações recentes no sítio da Moita da Ladra, Vialonga. Aqui, sob as estruturas defensivas do povoado fortificado calcolítico, identificou-se um nível bem datado do Neolítico antigo evolucionado. [FIGS. 3 e 4]



2



3



4

FIG. 2
 Conjunto de bifaces e de um seixo talhados em quartzito e datados do paleolítico das coleções do Museu Municipal.

FIG. 3
 Fragmento de vaso decorado em cerâmica manual Neolítica das coleções do Museu Municipal.

FIG. 4
 Duas pequenas enxós votivas fabricadas em fibrolite e datadas do Neolítico das coleções do Museu Municipal.

O CULTO DOS ANTEPASSADOS

Ao mesmo tempo que ocorrem estas transformações económicas e sociais, inicia-se durante o designado Neolítico Médio, a construção de estruturas feitas a partir de grandes blocos de pedra. Este fenómeno é conhecido por Megalitismo (do grego *mega*=grande e *lithos*=pedra).

No território vilafranquense, os monumentos funerários megalíticos, utilizados como recintos sepulcrais individuais ou coletivos, encontram-se atestados pelos sítios do Casal do Penedo e Monte de Serves. Ainda que alguns topónimos existentes, tais como moinho das Antas e casal das Antas, recordem outros que não chegaram até nós.

A par da utilização destes monumentos, está atestada uma fase inicial de utilização da Gruta da Pedra Furada como necrópole, comprovada por uma datação de carbono de um dos indivíduos aí sepultados correspondendo com a transição entre o 4.º e o 3.º milénio a.C. [FIG. 5 e 6]

A CONSOLIDAÇÃO DO SISTEMA AGRO-PASTORIL

Decorre durante todo o IV milénio a.C. e esteve na origem de um forte desenvolvimento demográfico. Tal fenómeno, conduziu à dependência económica das populações daquilo que geravam e, conseqüentemente, à sua sedentarização definitiva.

As sucessivas transformações socioculturais ocorridas no seio das comunidades neolíticas, em paralelo com o desenvolvimento das técnicas de trabalhar o ouro e o cobre, marcam o início de um novo período o Calcolítico, balizado entre finais do IV e o 3.º quartel do III milénio a.C.

No território vilafranquense o período Calcolítico encontra-se particularmente bem representado; quer por espaços funerários: como a Gruta da Pedreira do Casal do Penedo 2, a Gruta da Pedra Furada, a necrópole de cistas do Alto do Pinheiro, assim como pela utilização de monumentos megalíticos como o de Casal do Penedo ou o de Monte de Serves; quer por povoados. Atestando estes, vários tipos de *habitats*, reveladores de uma intensa e significativa diversidade de soluções de implantação.

Entre os sítios deste período, destaca-se a Moita da Ladra, Vialonga. Construído no Calcolítico pleno, corresponde a um povoado fortificado rodeada de uma muralha de contorno elipsoidal, englobando duas torres maciças e uma entrada, voltada para o estuário do Tejo.

[FIGS. 7 e 8]





FIG. 5
Reconstituindo um ritual
funerário Calcolítico com
base nos dados da gruta
da Pedra Furada.
Ilustração César Figueiredo





7



8

FIG. 6
Pequeno amuleto em forma de Logomorfo (Coelhinho), fabricado em osso datado do Neolítico Final/Calcolítico e recolhido na Gruta da Pedra Furada.

FIG. 7
Vaso Campaniforme, datado do final do período Calcolítico e recolhido numa sepultura de cista no Alto Pinheiro – Sobralinho.

FIG. 8
Conjunto de pesos de tear Calcolíticos provenientes do povoado de Vila Nova de São Pedro (Azambuja), coleção Museu Municipal.

A IDADE DO BRONZE FINAL

Corresponde a uma etapa que se desenvolve entre cerca de 1250 a.C. ao século IX a.C. E é caracterizada pela intensificação do povoamento, da produção e circulação metalúrgica e pela plena afirmação do comércio transregional de contorno atlântico-mediterrâneo, favorecido pela própria realidade geográfica da península de Lisboa. No âmbito da Carta Arqueológica, foi possível identificar diversos sítios deste período, que se podem classificar como casais agrícolas, assim como, outros de maior dimensão e de posição destacada na paisagem, evidenciando vestígios de potentes sistemas defensivos. Destaca-se entre os dados disponíveis para a Idade do Bronze do território vilafranquense, os depósitos rituais ou votivos da Moita da Ladra 2. Situado a norte e noroeste do povoado fortificado da Moita da Ladra 1, estes vestígios foram identificados em duas intervenções distintas ocorridas respetivamente em 2003 e 2009. Em ambos os casos estamos perante depressões no substrato geológico, onde foram inutilizados recipientes de cerâmica manual a par de ossos queimados, e escassos fragmentos de adornos em bronze, entre os quais fíbulas, alfinetes e argolas, e uma conta de colar. [FIGS. 9 e 10]

A IDADE DO FERRO ENTRE INDÍGENAS E FENÍCIOS

Em meados da segunda metade do século VIII a.C., os navegadores orientais passaram a frequentar de forma sistemática o litoral ocidental português, dando início ao período designado como Idade do Ferro.

A ampla navegabilidade do Rio Tejo é o eixo condutor do estabelecimento dos primeiros aglomerados “urbanos”, implantados em áreas de ancoradouro natural e com facilidades a nível de fixação portuária.

A escavação do povoado de Santa Sofia em Vila Franca de Xira, veio alterar a perceção que se tinha deste período. A presença de evidências materiais do mundo Fenício, neste sítio, reveste-se de um interesse inusitado, por permitir, pela primeira vez no vale do Tejo, estudar os primeiros contactos e interações dos mercadores vindos do mediterrâneo oriental numa perspetiva do mundo indígena.

A planta das estruturas exumadas permite verificar alguma complexidade construtiva. Nos cerca de 100m² intervencionados, individualizou-se os alicerces de duas grandes cabanas de planta ovóide e uma de menor dimensão, constituídos por grandes blocos calcários. Estas cabanas construídas com materiais perecíveis eram revestidas internamente com placas de barro cozido, para conferir maior conforto. Da sua cobertura não nos chegou qualquer vestígio devendo ser utilizado materiais vegetais como o colmo.

[FIGS. 11 e 12]



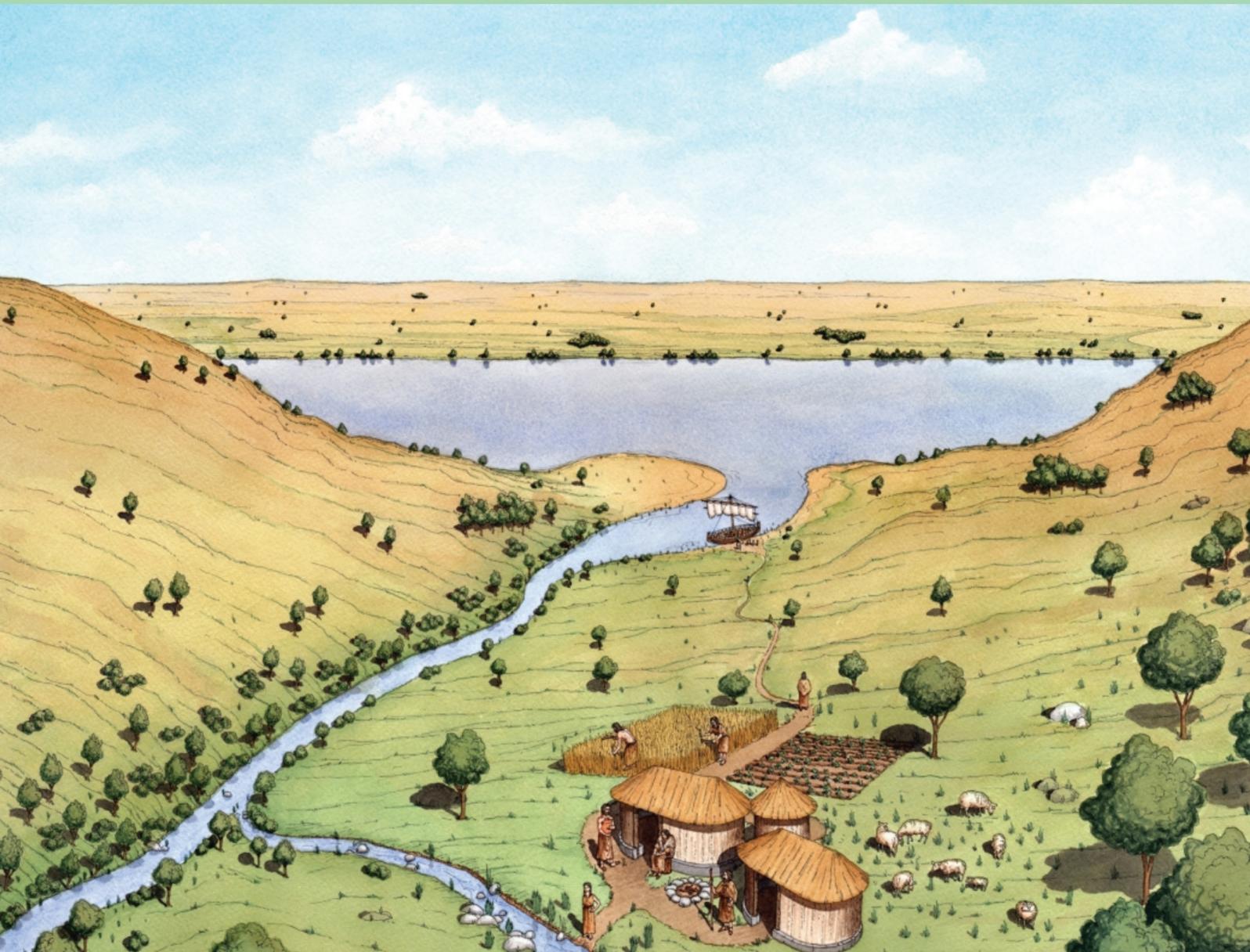
9



10

FIG. 9
Vista aérea do sítio do Castelo (Adanaia), sendo visível em primeiro plano o lanço de muralha proto-histórico.

FIG. 10
Taça carenada em cerâmica manual da Idade do Bronze Final recolhida no sítio de Moita da Ladra 3, Vialonga.



11



12

FIG. 11
Reconstituindo o povoado de cabanas de Santa Sofia com base nos dados da escavação aí realizada em 2006 e 2007. Ilustração de César Figueiredo

FIG. 12
Fíbula Tipo *Bencarrón* em liga de cobre datada da Idade do Ferro. Coleções do Museu Municipal.

A CONQUISTA ROMANA

Com a campanha militar, desencadeada em 138 a.C., liderada pelo procônsul *Décimo Júnio Bruto* o Vale do Tejo entra definitivamente na esfera de Roma.

Nesta fase inicial da presença romana, assiste-se ao abandono de alguns povoados agrícolas pré-existentes e há clara opção por uma distinta implantação na paisagem, com um evidente objetivo de controlo da via terrestre e de algumas áreas de cariz portuário.

A estação arqueológica de Monte dos Castelinhos é, sem dúvida, um dos sítios arqueológicos mais importantes para o estudo desta fase conturbada.

Aqui se assistiu, em meados do século I a.C., à construção de raiz, de um estabelecimento com mais de 10 hectares, numa área de grande valor estratégico e implantado de forma equidistante em relação às cidades de *Olisipo* (Lisboa) e *Scallabis* (Santarém). [FIGS. 13, 14 e 15]

PROVÍNCIA DA LUSITÂNIA

Consolidada a paz, o Imperador Augusto irá proceder a uma profunda reforma política e administrativa dos territórios sob o poder de Roma. A antiga província da *Ulterior* onde o vale do Tejo se inseria, foi dividida em duas. O território onde nos encontramos foi inserido na Província da Lusitânia, com capital em *Emerita Augusta* (Mérida).

A inserção deste território na *Civitas* de *Olisipo* conduz através da reorganização do território e parcelamento dos férteis campos do rio Tejo, a uma nova lógica de aproveitamento agrário. Este fenómeno encontra-se plasmado na abundância de *Villae* de grande dimensão e casais agrícolas, destinados a abastecer a grande cidade da foz do Tejo. Situadas preferencialmente nos vales de linhas de água subsidiárias do Tejo, assentariam a sua economia na exploração agrícola e pecuária das férteis várzeas taganas. Ainda que o nosso conhecimento seja parco face a escassez de escavações destaca-se entre estas as *Villae* de Morgado, Vialonga; de Quinta do Casal, Alverca/Sobralinho; Casal da Boiça, Quinta da Torre e Povos, Vila Franca de Xira; Sub-Serra e Quinta da Granja 3, Castanheira do Ribatejo.

A presença de novas formas de construir e utilizar o espaço encontram-se bem plasmadas nos vestígios arquitetónicos destes edifícios, onde a presença de pavimentos de mosaico, colunas e revestimentos decorativos de mármore, falam-nos de uma plena romanidade. A religião e os cultos dos mortos estão atestados por diversas epígrafes espalhadas pelo território, e que nos permitem igualmente atestar que o Latim enquanto língua se afirmou rapidamente.

O sítio de *Ierabriga* era o núcleo mais importante em época romana, devendo ter assumido um papel relevante de cariz urbano, não sendo ainda conclusiva a sua identificação, é assaz plausível que esta corresponda ao Monte dos Castelinhos. [FIGS. 16, 17 e 18]



HISPANIA 133 a.C.

13



14



15

FIG. 13
 Mapa da Península Ibérica (*Hispania*) em 133 a.C. Com a localização das duas províncias então existentes.

FIG. 14
 Numisma Romano em prata. Denário de MN.FONTEI C.F., datado do ano 85 a.C. (RRC 353/1). Proveniente do Monte dos Castelinhos.

FIG. 15
 Ânfora vinária romana do Tipo Dressel 1, proveniente da península itálica e datada do século II/I a.C. Proveniente do Rio Tejo.



17



18

16



FIG. 16

Mapa da península Ibérica com a localização a castanho claro do território da província da Lusitânia. A vermelho as principais vias romanas e respetivas estações viárias (segundo Vasco Mantas, 2015).

FIG. 17

Alfinete de cabelo romano, em osso, com a representação do Deus Marte. Proveniente das escavações da Escola Velha de Povos.

FIG. 18

Alfinete de cabelo romano em liga de cobre. Proveniente das escavações da Escola Velha de Povos.

O TEJO COMO VIA DE COMUNICAÇÃO

O museu de Vila Franca de Xira possui no seu acervo um conjunto invulgar de ânforas de época romana, provenientes de recolhas efetuadas por pescadores no rio Tejo.

Entre este conjunto, encontra-se bem representadas os contentores de época romana alto-Imperial atestando as fortes transações comerciais de produtos alimentares como o vinho e os preparados piscícolas entre os portos Taganos. [FIG. 19]

O HOMEM E A MORTE

Inscrição funerária em forma de Cupa
(0,63 cm de altura\0,60 cm largura\1,13m de comprimento máximo)

Calcário de lioz

Romano – Século I d.C.

Bom Sucesso – Alverca

Texto: ALFIA. L(uci). F(ilia)./ AMOENA. H(ic) S(ita) E(st).

Leitura: *Alfia Amoena*, filha de Lúcio, aqui está sepultada. [FIG. 20]

A ANTIGUIDADE TARDIA

Com o colapso da estrutura política e administrativa da metade ocidental do Império romano, seguiu-se um período de instabilidade decorrente das invasões dos povos germânicos.

Estas iniciam-se durante o outono de 409 d.C. com a irrupção dos Alanos, dos Suevos e dos Vândalos na Península Ibérica. Em 460 d.C., os exércitos Visigóticos, infligem sérias destruições no vale do Tejo. Neste ano *Scallabis* (Santarém), foi atacada pelo visigodo Suerico e *Ulixippona* (Lisboa) conquistada à traição.

Os dados com que podemos lidar para este período são assaz escassos, destacando-se a necrópole da Quinta de Santo António de Bolonha, onde foram identificados dois Trientes Visigóticos do período de Recaredo a Chindasvinto, 586-653 d.C.; e a Quinta da Amendoeira, a norte do Monte dos Castelinhos, mas já no concelho de Alenquer, onde se recolheu um Triente do reinado de Viterico (603-610), cunhado em Mérida. [FIGS. 21 e 22]

O PERÍODO DE DOMÍNIO MUÇULMANO

Em 711 d.C., o *Wali* Árabe de África *Musa ibn Nusayr* encarregou *Tariq ibn Ziyad*, de passar a Espanha com o exército. Daí resultou a expedição árabe na Península e a derrota fatal do reino Visigótico. Para o vale do Tejo, importa reter que as cidades de Santarém e Lisboa, e por inerência o seu território foram conquistadas no ano de 714 d.C.

Apesar de toponimicamente terem permanecido diversas remanescências da presença islâmica, tais como Alpriate, Alfarrobeira, Alverca, Alhandra, Albacetim, Alcamé etc. Os sítios arqueológicos onde foram detetados até ao momento dados de cronologia islâmica resumem-se a oito.

O Monte do Senhor da Boa Morte é a estação do período Islâmico, para a qual dispomos de mais dados. Escavações aí desenvolvidas pelo Museu Municipal entre 1991 e 1995 identificaram vestígios de um recinto fortificado, ocupando o ponto mais alto do cabeço. Este Castelo de cronologia Omíada (século IX d.C.) apresentava muralhas de taipa com 1,50 metros de espessura e patenteia planta possivelmente quadrangular. A sua localização assume um claro controlo do rio Tejo e da estrada romana que lhe passava ao sopé.

Ainda que os dados para este período não sejam conclusivos, Alhandra e Alverca deteriam nesta fase igualmente Castelos, podendo-se considerar que seriam centros de distrito rurais. Estamos assim, numa densa rede de povoamento de cariz defensivo, a que teria que se aduzir a norte o Castelo de Alenquer, diversas Torres de Atalaia como a da Herdade de Cira que permanece na toponímia regional, e a sul o *ribat* (mosteiro fortaleza) de *Saqabân* (Sacavém).

Esta região onde nos detemos assumiu assim, no período islâmico alguma relevância no âmbito das novas estratégias de defesa, situava-se na designada Marca inferior, entre as importantes cidades fortificadas de *Santarín* (Santarém) e *Al-Usbuna* (Lisboa), controlando o espaço fronteiro do Tejo e a antiga via romana que conduzia a Mérida. [FIGS. 23 e 24]



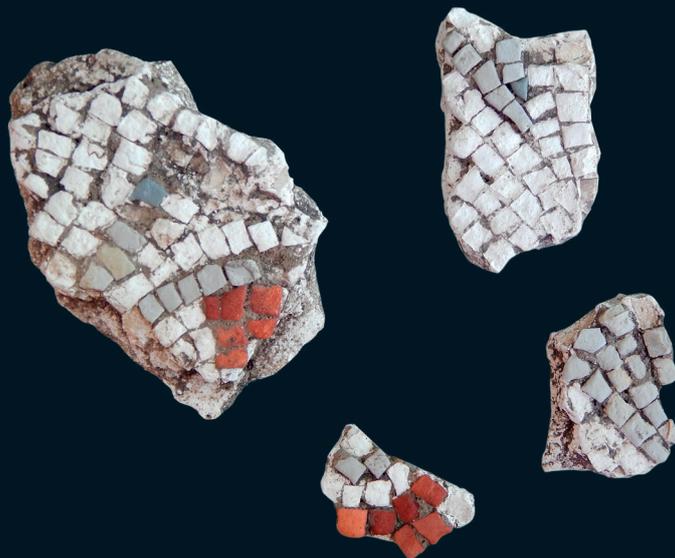
19



20

FIG. 19
Ânforas vinárias romanas do Tipo Lusitana 3, possivelmente fabricadas no Vale do Tejo e datadas do século II/III d.C. Provenientes do Rio Tejo.

FIG. 20
Inscrição Romana em forma de Cupa. Encontrada no Bom Sucesso, Alverca. Datada do século I d.C.



21



22

FIG. 21
Fragmentos de
mosaicos romanos
provenientes da *Villa*
de Morgado, Vialonga.

FIG. 22
Moedas romanas de época
tardia, século IV d.C.
Provenientes da escavação
da Escola Velha de Povos.



23



24

FIG. 23
Fragmento de Bule islâmico, datado dos séculos XI/XII d.C., proveniente do Rio Tejo.

FIG. 24
Dedal islâmico em liga de cobre, datado dos séculos XI/XII d.C., proveniente da escavação da *Villa* romana de Sub-serra, Castanheira do Ribatejo.

A RECONQUISTA CRISTÃ E A CRIAÇÃO DOS CONCELHOS MEDIEVAIS

Com a reconquista Cristã e a capitulação em 1147, das cidades de Santarém e posteriormente de Lisboa, caem igualmente os Castelos da linha do Tejo, entrando na esfera do novo reino de Portugal.

Com a conquista das duas principais cidades do vale do Tejo, este território torna-se assim, na linha de fronteira com o Império Almorávida, assistindo-se a um esforço de povoamento e fortificação particularmente intenso nesta área.

É neste contexto que devem ser enquadrados os esforços tido pelos monarcas da primeira dinastia, na consolidação do povoamento e na emergência dos polos de atração humana de Alverca, Alhandra, Vila Franca de Xira e Povos, que originam os concelhos medievais e seus privilégios.

O foral do Castelo de Povos foi atribuído por D. Sancho I em de 1195, altura em que o vale do Tejo estava ainda pouco seguro, e sofrera cinco anos antes, arremetidas muçulmanas. Essa preocupação defensiva encontra-se bem patente no texto do foral.

Logo após a conquista de Lisboa, D. Afonso Henriques, efetua a doação da vila de *Círa* aos cruzados ingleses como recompensa pelos serviços bélicos prestados, mas também como tentativa aglutinadora de erigir, desde logo, um “protectorado” com uma dupla função: defesa e povoamento.

A instabilidade do território à época e os prováveis altos encargos com que o rei premiou os cruzados ingleses levam D. Sancho em 1200 a atribuir a D. Raulino juntamente com outros flamengos a gestão deste território. Este volta a ser doado alguns anos mais tarde a D. Froila Hermiges em 1206, passando por doação à ordem do Templo em 1214.

Esta ligação dos territórios vilafranquenses à ordem templária encontra-se bem plasmada em algumas estelas de sepultura discoides, recolhidas em Povos, Vila Franca de Xira, São João dos Montes e Igreja Velha – Cachoeiras, onde a cruz templária se encontra bem evidenciada. Já do antigo Paço da ordem, referido na documentação medieval para a Granja de Alpriate e da sua Torre, nada se preserva além da memória toponímica e documental.

Em 1203, o Bispo D. Soeiro de Lisboa atribui foral a Alhandra e a povoação de Alverca, recebeu a confirmação de concelho em 1357. Temos assim no território vilafranquense a instituição de quatro concelhos medievais, Alverca, Alhandra, Vila Franca de Xira e Povos. [FIGS. 25 e 26]



25



26

FIG. 25

Pendente com crucifixo em prata e ouro, datado do século XIII, proveniente da escavação da Igreja do Senhor da Boa Morte.

FIG. 26

Numismas Medievais – Século XII e XIII. Dinheiros de D. Sancho I/D. Afonso II/ D. Afonso III). Provenientes das escavações do Senhor da Boa Morte e Escola Velha de Povos.

O RIO TEJO E AS DESCOBERTAS

As sedes de concelho medievais implantados nas margens do rio, e em posição de destaque e ligação direta com a estrada real, tem um rápido desenvolvimento, assente na facilidade de comunicação que os portos do Tejo proporcionam.

Em 1510, Vila Franca de Xira, Povos e Castanheira recebem nova carta de foral, no âmbito da reforma promovida por D. Manuel I. Ao contrário dos seus congéneres medievais, a relação com o rio Tejo, ocupa nestes documentos cerca de uma quarta parte do texto, pormenorizando os impostos e os deveres relativos à pesca, ao comércio e de um modo geral a todas as entradas e saídas por água.

A então Póvoa de São Martinho futura Póvoa de Santa Iria, e as Vilas de Alverca, Alhandra, Vila Franca de Xira e Povos possuíam portos naturais que foram nesta época incrementados com estruturas de apoio. Estes portos asseguravam o escoamento de produtos agrícolas e pecuários, assim como ligações rápidas e frequentes, quer com a capital, quer com o Alentejo e o Alto Ribatejo. Só na Vila de Alverca, existiam três portos distintos, na desembocadura de três esteiros.

Com o advento do período das descobertas e expansão marítima, a relevância dos portos do Tejo, foi assaz importante quer no apoio de bens alimentares e de escoamento de matérias-primas, quer mesmo na construção naval. Recorde-se que em 1487, D. João II mandou armar uma esquadra nas águas do Tejo, frente a Povos e Vila Franca, e pela mesma altura, constrói-se em Povos, a frota que levou Bartolomeu Dias a dobrar o Cabo da Boa Esperança, em 1488.

A vila de Povos, com o seu Castelo e posteriormente com os seus estaleiros navais e o dinamismo do seu Porto, assumiu deste cedo um maior protagonismo na região. Protagonismo esse que se foi perdendo com o progressivo assoreamento do seu porto do Tejo, em particular a partir do século XVIII. Perdendo assim relevância para Vila Franca de Xira.

Do ponto de vista económico, a história desta região em particular da margem do rio está intimamente ligada com a exploração das férteis terras da margem fronteira, as Lezírias taganas, onde, acorriam jornaleiros e rendeiros da outra margem. Os senhores da terra eram os mesmos, a Casa Real, a Igreja, e alguma Nobreza.

[FIGS. 27, 28 e 29]



27



28



29

FIG. 27
Capitel em mármore de influência Mudéjar. Século XV/XVI. Coleção Museu Municipal.

FIG. 28
Alto-relevo em mármore com representação de Navio. Século XVIII. Coleção Museu Municipal.

FIG. 29
Almofariz em mármore. Século XVIII. Proveniente da Quinta da Marquesa, Castanheira do Ribatejo.

O TERRAMOTO DE 1755

A partir do século XVI, assiste-se no território vilafranquense ao proliferar de grandes propriedades agrícolas, pertença da grande Nobreza, sendo estas verdadeiros palácios no campo.

Durante os séculos XVII e XVIII, assiste-se a um grande dinamismo dos núcleos de Alverca, Vila Franca de Xira, Povos e Castanheira do Ribatejo. Aí assiste-se à construção de vasto património civil e religioso que infelizmente não chegou em grande parte até aos nossos dias.

Toda a região ribatejana é fortemente abalada pelo terramoto de 1 de Novembro de 1755, que destrói de forma perene muito do valioso património arquitetónico até aí existente.

Ainda não refeitos dessa destruição, assiste-se no início do século XIX às invasões francesas. [FIGS. 30, 31, 32 e 33]



30

FIG. 30
Cachimbos de argila vermelha e de caulino
Cerâmica a molde
Século XVIII
Rio Tejo – Vila Franca de Xira



31



32

33 >>

FIG. 31

Vaso de Noite em Faiçã portuguesa. Séclo XVIII. Proveniente da escavação do edifício N.º 65 da Rua Serpa Pinto, Vila Franca de Xira.

FIG. 32

Conjunto de numismas em prata dos reinados de D. Pedro II e D. João V, recolhidos na escavação da Escola Velha de Povos.

FIG. 33

Imagem Religiosa setecentista de Nossa Senhora, em cerâmica policromada, recolhida na escavação do edifício do atual Museu do Neo-realismo, Vila Franca de Xira.





exposição

ORGANIZAÇÃO

**Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira**

**Museu Municipal
de Vila Franca de Xira**

**Centro de Estudos Arqueológicos
de Vila Franca de Xira – CEAX**

VICE-PRESIDENTE
DA CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA FRANCA DE XIRA

Fernando Paulo Ferreira
Maio de 2017

COORDENAÇÃO GERAL

Fátima Roque

COMISSARIADO CIENTÍFICO

**Henrique Mendes
João Pimenta**

INVESTIGAÇÃO, SELEÇÃO
E ORGANIZAÇÃO DOCUMENTAL

**Henrique Mendes
João Pimenta**

MUSEOGRAFIA E PRODUÇÃO

**Henrique Mendes
João Pimenta
Patrícia Victorino**

PLANEAMENTO E LOGÍSTICA

**Henrique Mendes
João Pimenta
José Costa**

CONSERVAÇÃO E RESTAURO

**Amélia Gonçalves
Ana Libório
Henrique Mendes
João Miguel Salgado
Moisés Costa**

DESIGN

DIVISÃO DE INFORMAÇÃO
MUNICIPAL DE RELAÇÕES PÚBLICAS
SETOR DE DESIGN E PRODUÇÃO GRÁFICA

Patrícia Victorino

IMPRESSÃO, CORTE
E APLICAÇÃO DE VINIL

DIVISÃO DE INFORMAÇÃO
MUNICIPAL DE RELAÇÕES PÚBLICAS
SETOR DE DESIGN E PRODUÇÃO GRÁFICA

**Hélder Dias
Miguel Oliveira**

DIGITALIZAÇÃO E TRATAMENTO
DE IMAGENS

DIVISÃO DE CULTURA, TURISMO,
PATRIMÓNIO E MUSEUS

**Amélia Gonçalves
Henrique Mendes
João Pimenta**

DIVISÃO DE INFORMAÇÃO
MUNICIPAL DE RELAÇÕES PÚBLICAS
SETOR DE DESIGN E PRODUÇÃO GRÁFICA

Patrícia Victorino

MONTAGEM

DIVISÃO DE CULTURA, TURISMO,
PATRIMÓNIO E MUSEUS

**Henrique Mendes
João Pimenta**

DEPARTAMENTO DE OBRAS
VIATURAS E INFRAESTRUTURAS

José António Soares

CARPINTARIA

**Edgar Lúcio
Gilberto Martins
José Travassos
Vitalino Lopes**

ELETRICIDADE

**David Costa
Guilherme Rómulo
Ricardo Lopes**

PINTURA

**Mário Silva
Rui Melo**

SECRETARIADO

**Anabela Fernandes
Célia Silva
Vanda Arsénio**

SERVIÇO EDUCATIVO

**Ana Serra
Margarida Casaleiro
Paulo Silva
Tânia Cravo**

RECEÇÃO

**Cíntya Hobo
Nelson Gonçalves**

COMUNICAÇÃO

**Cláudio Lotra
Carla Coquenim**

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

**Henrique Mendes
João Machado
João Pimenta
Mário Monteiro
Patrícia Victorino**

VÍDEO

**João Machado
Henrique Mendes
Vítor Cartaxo**

ILUSTRADOR HISTÓRICO

César Figueiredo

CARTOGRAFIA

André Caiado

SEGUROS

**Companhia de Seguros
Allianz Portugal, S.A.**

AGRADECIMENTOS

**João Luís Cardoso
Mário Monteiro**

HORÁRIO DA EXPOSIÇÃO

3.ª a domingo, das 9h às 17h30
Encerra às segundas-feiras
e feriados

brochura

EDIÇÃO

**Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira**

**Museu Municipal
de Vila Franca de Xira**

**Centro de Estudos Arqueológicos
de Vila Franca de Xira – CEAX**

VICE-PRESIDENTE
DA CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA FRANCA DE XIRA

Fernando Paulo Ferreira
Maio de 2017

COORDENAÇÃO

Fátima Roque

ORGANIZAÇÃO
E COORDENAÇÃO EDITORIAL

João Pimenta

TEXTOS

**Alberto Mesquita
Henrique Mendes
João Pimenta**

DESIGN E PAGINAÇÃO

Patrícia Victorino

FOTOGRAFIA, DIGITALIZAÇÃO
E TRATAMENTO DE IMAGEM

**Henrique Mendes
João Machado
João Pimenta
Patrícia Victorino**

PRODUÇÃO GRÁFICA

Soartes – Artes Gráficas, Lda.

TIRAGEM

1000 exemplares

MORADA CEAX

**Rua da Fonte
(Antiga Escola Básica das Cachoeiras)
2600-581 Cachoeiras
GPS: 38° 59' 10.31" N, 9° 1' 0.67" W**



**Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira**
www.cm-vfxira.pt



**MUSEU
MUNICIPAL**



Centro de Estudos
ARQUEOLÓGICOS
Vila Franca de Xira